

QUANDO SE DISSIPA O  
PATRIMÓNIO COM LOUCU-  
RAS, PROCURA-SE RES-  
TAURÁ-LO COM CULPAS.  
TÁCITO

ANO XXI 23-6-1977  
(Preço avulso: 5\$00) N.º 628

Composição e Impressão  
«GRÁFICA EDITORA»  
Av. João Ferreira da Maia, 20  
RIO MAIOR  
Telef. 92091

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO  
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua da Carreira  
Telef. 625 36 LOULE

# OS MILAGREIROS

«A sociedade (portuguesa), estéril e muda, somente pede alguém que a governe e faça feliz; recebe tudo, adorando os audazes. A grande catástrofe do XVI século embrutecera-a; corrompera-lhe o carácter, quando a encontraram assim afilita; e na sua miséria mesquinharia e torpe, conservou apenas o messianismo sebastianista como fé, esperança e princípio de coesão espontânea».

Oliveira Martins,  
in «História de Portugal»

A dívida do Estado ascendia, no passado dia 27 de Maio, a 217 milhões de contos. Esta confissão foi feita, pelo próprio ministro das Finanças, na Assembleia da República.

Significa isto que desde 25 de Abril de 1974, a cadência do endividamento do Estado é de praticamente 200 mil contos por dia (exactamente 192 000).

Isto, depois de dissipada a pesada beranga, suscita uma interrogação dramática. — Para onde caminha Portugal? Para quem vislumbre uns rudimentos de política financeira, a notícia (não desmentida), surgida sensivelmente na mesma data, da contracção de um empréstimo junto do Governo da Alemanha Ocidental no valor de 70 milhões de marcos, parte dos quais (25,15 milhões) destinados ao pagamento de juros devidos por Portugal ao Banco Europeu de Investimentos, talvez constitua em si mesma, uma inquietante resposta.

## QUE FAZ A COMISSÃO DE TRÂNSITO DE LOULÉ?

Não é de agora mas de há uns tempos para cá que o trânsito de Loulé se processa atabalhoadamente, com especial reincidência na periferia e adjacência do mercado municipal.

Perante a banalidade deste estado de coisas que promete arrastar-se indefinidamente e até a agravar-se na época estival, com a esperada aglomeração de turistas e forasteiros que elegem esta terra para as suas férias, é lícito interrogar se existe ou não uma «Comissão de Trânsito» e, no caso positivo, como e quando se propõe actuar de molde a sanar os pro-

blemas da sua jurisdição, cada vez mais avultantes?

É indublatível que, à falta de sinalização orientativa, não se deve nem pode responsabilizar apenas os condutores das viaturas, nem exigir das autoridades uma zelosa acção disciplinadora.

A circulação do tráfego automóvel obedece a regras determinadas e convencionadas por um Código de Estradas que até prescreve a utilização frequente de sinais quando tal se

(continua na pág. 3)

## LOULETANO PEDE INQUÉRITO AO JOGO COM O BEIRA-MAR

Em consequência das lamentáveis correntes registadas em 4 passado, no campo do Lusitano de Vila Real de Sto. António, durante o desafio de futebol realizado entre o Beira-Mar (de Monte Gordo) e o Louletano, a direcção desta última agremiação deu público testemunho da sua indignação e conhecimento de que apelou no sentido de se promover um inquérito rigoroso.

O comunicado que distribuiu expõe-se como segue:

«Face à gravidade dos incidentes ocorridos durante o encontro de futebol entre as equipas do Beira Mar de Monte Gordo e a nossa equipa, a contar para a 4.ª jornada da fase final do campeonato Distrital da 1.ª Divisão do Algarve, vimos por este

meio divulgar o nosso mais veemente protesto e repulsa por tudo quanto, naquela tarde de 4 de Junho, no campo do Lusitano de Vila Real de Sto. António, se verificou e que atingiu um grau de violência que roçou pela selvageria e barbárie.

De facto, a mão da segunda me-

(continua na pág. 3)

→ **Futebolistas louletanos  
agredidos selvaticamente  
em Vila Real de Santo António**

Na  
Página 8

# A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

01 AGO 1977  
B-633  
PORTO  
PAGO

Mais uma ourivesaria  
assaltada em Loulé

### A Ourivesaria Albano espoliada do seu recheio

- Haverá cumplicidades locais envolvidas no assalto?

Na sequência de uma vaga de latrocínio que tem escolhido para a prática das suas extorsões, esta ridente vila de Loulé, foi assaltada nas primeiras horas de 6 de Junho passado, a ourivesaria Albano da qual pilharam o melhor do seu recheio avaliado em cerca de 2 000 contos.

Os gatunos para penetrarem no referido estabelecimento utilizaram uma porta que confinava com as escadas de acesso à Sociedade Recreativa

(continua na pág. 4)

## Decorreram com muito brilho e dignidade as «Bodas de Ouro» dos Bombeiros Municipais de Loulé

Comemorou-se no passado dia 5 de Junho o 50.º aniversário do Corpo de Bombeiros Municipais de Loulé, tendo-se para o efeito cumprido um calendário de actividades que decorreu em ambiente de franca con-

fraternização e dignidade, qualidades que aliás distinguem esta prestimosa organização.

Logo de manhã, em frente ao Quartel dos Bombeiros de Loulé, e após a alvorada, os três comandantes mais antigos do Algarve — S. Brás, Portimão e Faro — procederam ao hastejar das bandeiras perante a formatura das Corporações de Bombeiros de Loulé e da Fanfarra dos Bombeiros de Lagos que assim emprestaram um maior brilho às solenidades.

Estiveram presentes o Governador Civil de Faro, dr. Almeida Carrapato o Presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Andrade de Sousa, o Vereador do Pelourinho de Incêndios, sr. Libâo Palma, o Comandante Serra e Móura da Liga dos Bombeiros Portugueses, o Comandante Fi-

(continua na pág. 7)

## É ALGARVIO o sol que nos alumia?

Será fastidioso lembrar que o algarvio é o mais meridional dos portugueses, e que, de todos os portugueses, é o mais expansivo e loquaz.

Este seu pendor comunicativo deve-o decerto, e muito, ao meio ecológico em que vive, onde o Sol é mais radioso e cálido e onde, decerto, com agravamento e sem reservas, assentou morada para só desta sulina província se apartar durante a sua vigejatura nocturna e vagabundagem mitológica.

Não é possível, portanto, conceber-se o Algarve sem sol. É mais coerente pensar-se, portanto, no Al-

## ENTREVISTA com o Presidente da Câmara Municipal de Loulé

(continuação do n.º anterior)

### • ASSEMBLEIA MUNICIPAL

V. — No tocante à Assembleia Municipal, uma vez que assumiu plenos poderes, já participou e colaborou consultiva ou deliberativamente na gestão camarária?

P. — Não. A Assembleia Municipal é um órgão que é tal como todos os órgãos autárquicos, aguardam a lei das competências. Eu julgo neste momento estar na Assembleia da República para ser discutido, um projeto apresentado pelo Governo, outro pelo PSD e também julgo saber que o PC também vai apresentar um projeto, sobre a competência ou as competências das várias autarquias. Foi como se depreende a lei das competências não é mais nem menos do que o diploma que regulamentará as autarquias. Eu sempre considerei e considero que uma Câmara Municipal não é mais que uma grande empresa. Ora esta grande empresa continua a ser gerida pelos processos do antigamente. Nós ainda não temos

estatutos que nos permitam demonstrar perante os municípios a nossa capacidade de gestão.

### • URBANIZAÇÃO DE QUARTEIRA

V. — Relativamente a Quarteira, qual tem sido ou virá a ser a acção

(continua na pág. 5)

## Relatório

### da Junta Distrital de Faro

Embora coartada a acção da Junta Distrital de Faro, em parte absorvida com a criação do Gabinete de Planeamento do Algarve, no respeitante às atribuições técnicas, os seus serviços continuaram a funcionar sob a gestão do Governador Civil de Faro; assim se pode condensar a parte introdutória ao relatório da gerência

(continua na pág. 6)

## Antevisão do «Mundo Novo»

É permitido pensar livremente (sem receio da censura nem dos inquisitórios) e sonhar alto, de modo que quem quer que seja nos ouça. O sonho extropectivo era, não há muito tempo, considerado uma aventura, e, conforme o teor de que se revestia uma aventura perigosas.

Sonhar com um «mundo novo» poderia significar a codificação interpretativa de uma linguagem contrária à «ordem estabelecida» por um regime que não reconhecendo a maioria de mental dos seus concidadãos seguia uma linha rígida e paternalista, sem inflexões.

Qual seria a receção que nós acolheríamos se exclamássemos depois de um sonho doirado e premonitório; «O mundo novo só é possível com novas mentes»!

Evitando, entretanto, entrar agora

(continua na pág. 3)

## Nova Direcção da Sociedade Filarmónica dos Artistas de Minerva

Em resultado de uma assembleia geral convocada para o efeito, realizou-se na noite de 3 de Junho último, a eleição dos novos corpos gerentes da Sociedade Filarmónica dos Artistas de Minerva.

A nova direcção ficou assim constituída: Assembleia Geral — Presidente, Pedro de Freitas; vice-presidente, José Centeio de S. Martins; secretários, António Luís dos R. Jor. e Francisco José A. de Sousa.

Direcção (Efectiva) — Presidente, Silvino S. Carpinho; Secret., Carlos Ramos M. Elias; Tesoureiro, Manuel Guerreiro Brito; Vogais, João Manuel Santos Gomes e Francisco de Sousa Estrelo.

Direcção (substituta) — Presidente, Inácio Coelho Martins; Secretário,

(continua na pág. 7)

## O ZÉ PÔE AS SUAS DÚVIDAS:

170 MIL CONTOS  
SERÁ MUITO DINHEIRO  
PARA HABITAÇÃO SOCIAL  
NO ALGARVE?  
(Página 4)

# ALGARVE

## - CENTRO DE REUNIÕES INTERNACIONAIS

A Ingersoll-Rand é a maior fábrica mundial de equipamento de ar comprimido e proporciona postos de trabalho a mais de 40 000 pessoas, tendo uma facturação anual equivalente a 80 milhões de contos.

A dimensão duma empresa com esta estrutura implica naturalmente a necessidade de contactos com todos os mercados mundiais e também entre os seus técnicos que trabalham nas diversas fábricas a funcionar em diversos países.

Por isso a Ingersoll promove reuniões internacionais para discussão dos seus problemas e apresentação dos seus produtos.

Portugal foi este ano o país preferido e é particularmente honroso para nós que tivemos sido o Algarve o local escolhido para uma reunião que trouxe à nossa província cerca de 150 dirigentes da Ingersoll-Rand, vindos dos Estados Unidos, Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Itália, Grécia, Egito, Iraque, Arábia Saudita, Holanda, Noruega, Espanha, Suécia, África do Sul, Grã-Bretanha e Portugal.

O local preferido foi o Hotel Penina e também ali estiveram representantes da imprensa regional que assistiram à apresentação na Europa de um compressor industrial dotado de características inteiramente novas e altamente aperfeiçoadas e que é designado por CENTAC II.

O compressor apresentado integra-se na famosa linha Centac de compressores centrifugos, não lubrificado (ar isento de óleo).

Algumas das suas mais notáveis particularidades são o seu funcionamento silencioso (68 dB (A)), o seu desenho extremamente atraente, o baixíssimo custo da sua instalação. Devido à elevada perfeição desta unidade — somente tem 5 órgãos móveis — ela é vendida com uma garantia de 5 anos, prazo nunca antes atingido por quaisquer outros equipamentos deste tipo.

Esta máquina foi inventada por um engenheiro italiano e fabricada na Ingersoll de Itália, sendo curioso notar que cerca de 14% da produção mundial entre 1969 e 1977 foi vendida para os países de Leste europeu e foi concebida para trabalhar 25 000 ho-

«A Voz de Loulé», N.º 628, 23-6-77

TRIBUNAL JUDICIAL  
DA COMARCA  
DE PORTIMÃO

## ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Pela 2.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Júlio Agostinho Ferreira Cartucho, solteiro, maior, marceneiro, residente no lugar de Eirô, freguesia de Vilarinho, Santo Tirso, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por Marques & C. Lda., com sede em Lagoa (Algarve).

Portimão, 2 de Maio de 1977.

O Juiz de Direito,  
Joaquim José Garcês  
Palha da Silveira  
O Escrivão,  
José António Condeca

# OS MILAGREIROS

(continuação da pág. 1)  
desvalorização do escudo, a situação tenderá a piorar ainda mais, como consequência de novos ágios cambiais mais desfavoráveis.

E não esqueçamos que a maior parte das empresas privadas se encontra gravemente descapitalizada pelo que um possível (ou provável) agravamento da tributação directa irá encontrar apenas o fundo dos sacos vazios.

Mais o mais desconcertante é constatar-se que a ninguém aproveitou este endividamento. Nossos tempos ainda havia o cômodo recurso à acusação da tal dívida de famílias que absorvia uma grande parte da riqueza criada pelo universo dos cidadãos. Mas agora? Quase se pode dizer que, tão grave como a situação em que se encontra esta nação, lançada para o abismo, é o facto de não se saber concretamente quem foi que beneficiou desta louca caminhada.

Mas a catástrofe económica não é menor que a financeira, se é que se podem separar uma da outra no deixar de incluir parte da primeira na segunda. Tem uma expressão trágica na proporção da circulação fiduciária, em relação à reserva metálica e, na dívida do Banco central, na crise cambial, na alarmante elevação do

custo de vida (36,3% de aumento nos quatro primeiros meses deste ano, para a alimentação) que é afinal aquilo que mais sensibiliza o povo, o tal que é quem mais ordena (já não se fala nisso, e é pena).

Delapidaram-se, com finalidades difícilmente confessáveis, vultosos capitais oriundos da «espada herança», da Presidência das sociedades privadas, das pessoas singulares, sem que se acatasse a regeneração desses meios financeiros.

À cadêncie de 200 000 contos por dia, é evidente que o fim não vem longe, sobretudo quando se tem presente a propensão para se agravarem as causas que determinam o desastre. Mais o mais dramático é que o desastre já não é exclusivamente imputável à governação, em boa verdade cada vez mais ruinosa. E também devido à desenfreada especulação que se aposou de todos, conjugada com a indiscutível decadência dos sectores produtivos, com especial relevo para a moribunda agricultura.

Quem se deve ao trabalho de anotar a qualidade e a quantidade das empresas recentemente criadas verificará que a esmagadora maioria vai para o exercício do comércio retalhista. Uma boa parte da exploração nacional vai para esse sector, seduzido pela vertigem especulativa.

Tinha que ser assim. Por muito que se esforçam os vendedores de utopias, será sempre por razões muito concretas que as pessoas se motivam e o lucro não é certamente a menos aliciante. Sem embargo das honrosas exceções que importa ressaltar, a actividade comercial especulativa ainda é entendida como o melhor meio de vida, sobretudo, como é o caso, quando as mercadorias são cada vez mais escassas.

Mas, o pior ainda está para vir. E chegará quando se esgotarem os recursos dos consumidores.

Ainda estaremos a tempo de evitar o espectro da fome?

É natural que já ninguém se sinta capacitado para responder.

Mas os poderes constituidos têm o indeclinável dever de tudo fazerem para o evitar.

Este jornal tem plena consciência de que a sua voz não tem a divulga-

ção e o peso de outras vozes que, avisadamente, se vêm pronunciando em prol do despertar dos responsáveis. Mas ainda acreditamos que água mole em pedra dura...

O Governo tem que se decidir a governar o «país real». Não pode governar-se uma nação tendo como objectivo uma ideologia. As ideologias são meios e não fins. E a finalidade última de qualquer governo deve ser a promoção da felicidade dos cidadãos.

E a felicidade é uma mistura complexa onde são sabiamente doseados segurança, conforto, cultura, liberdade e fé. E ter fé é acreditar em alguma coisa. E mau é quando as pessoas começam a só acreditar em mitos.

F. REBELLO

## HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL  
DE LOULÉ

2.º Cartório

Notário: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que, por escritura de 15 do mês corrente, lavrada de fls. 43 a 44, v.º a 46, do livro n.º A-49, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Júlio Balsinha, ocorrido no dia 24 de Setembro do ano findo, na freguesia da Sé, do concelho de Faro, habitualmente residente no sítio do Poço Novo, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, natural da referida freguesia de S. Clemente, residente no sítio do Poço Novo, da mesma freguesia e casados segundo o regime da comunhão geral de bens, com Domitília Maria Rosa José Viegas, natural da referida freguesia de S. Clemente e residente no aludido sítio do Poço Novo.

Francisco Inácio Madeira, casado segundo o regime da comunhão geral de bens, com Domitília Maria Rosa José Viegas, natural da referida freguesia de S. Clemente e residente no aludido sítio do Poço Novo.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 17 de Junho de 1977.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana



Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS  
Compra, Vende e Troca Automóveis  
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da  
G. Guerra, N.º 14-1.º-Br.  
Telef. 62919  
Stand: Rua Diogo Lobo-Pereira

(Largo do Chafariz)  
Campina de Cima  
LOULÉ

# Antevisão do «Mundo Novo»

(continuação da pág. 1)

em meras conjecturas, vamos pegar no tema que já não se poderá chamar sonho ou utopia mas a maior aspiração da humanidade, a que desde sempre lhe ficou como reminiscência, bem lá na zona do inconsciente: a muito ténua e melancólica visão dos jardins edénicos perdidos.

Mas uma coisa é a visão ou a impressão esfumada e imprecisa e outra é a noção que se vai adensando à volta da materialização desse «Mundo Novo», pseudo platônico.

O «mundo novo» não será por certo semelhante ao mundo actual, macerado por uma aprendizagem até agora não consumada, onde as rebeladas se afirmam como consequência das arbitrariedades, das violências e das prepotências.

Não é concebível que se possa criar um «mundo novo» com mentes robotizadas, telecomandadas, distorcidas e anquilosadas por monolitismos que remontam às idades rupestres e se inserem nos nossos dias através das tiranias e do despotismo de requintado quallate.

Mais explicitamente, o «mundo novo» que se pretende, que há-de vir, que está já no campo visual das perspectivas mais afoitas, cujos alvors se distinguem ao longe, não se recria com migalhas e remendos caducos ou mesquinhos; mas com o poder e o vigor espirituais testados por comprovada sanguza e experiência.

De modo algum o conhecimento multimilenar, as tentativas heróicas, as aspirações legítimas e sublimes, as agruras e angústias incomensuráveis tenderão a ser postergadas.

Em que bases e com que ingredientes se consolidaria a experiência?

O «mundo novo» não rompe, não repudia o «mundo velho».

Alicerçará a mole imensa do seu edifício nas ruínas do «mundo velho». Tudo o mais, dos pilares aos zimbórios, será reconstruído com materiais brunitos nas escâncanas da sabedoria e no pleno ser, já que a «falta de ser» implica fatalmente numa antinomia.

Hoje em que as fronteiras do infinitamente grande (para não ditar o intrinicamente pequeno) escancaram os seus umbrais de par em par, a noção mais aperfeiçoada do nosso lugar no universo e no contexto cada vez mais compacto das nações coloca-nos num ângulo apreciativo inédito que nem sequer é similar aos dos primórdios do século em curso.

As grandezas imensas que nos cercam fornecem-nos a medida justa da nossa estatuta, um ser intermédio entre o átomo e a estrela, infundindo-nos uma sensação de humildade sem a qual não é possível adquirir a

lúcida percepção de que o «novo mundo» trilhará caminhos com os quais a humanidade desde sempre visionou e de longe vislumbrou.

Nelé não haverá lugar para as guerras genocidas e apocalípticas, para os campos de extermínio e trabalhos forçados, para os «guetos» degradantes, para as segregações sociais e raciais, para as perseguições políticas, para o espectro terríficante nuclear, para os gastos prodigiosos armamentistas, para as hegemonias, para o divisionismo e o separatismo entre as nações e as sociedades.

O «mundo novo» não conseguirá furtar-se é certo às antigas taras pois é condição humana inextinguível e insuperável o desvincular-se do barro genético com que foi argamassado.

Nunca deixará de pagar o tributo trágico da sua natureza dualista.

A malícia, a perversão e a sede de domínio imoderada nunca serão realmente banidas do tecido individual e social.

Mas não será a sua força a predominante. Coexistirá nas sombras. Viverá de sulapadas artimanhas e de armadilhas rapaces e contingentes.

Não se mostrará com a insolência e arrogância de hoje, à luz do dia, e

não se guindará às cumeadas para se meter o ódio e a discórdia.

As comunidades não serão demolidas mas dirigidas e compostas por uma estirpe de homens que colheram as benesses da revolução das mentes, sendo eles mesmos os depositários e os paladinos de uma perene renovação, não alheia a recíproca compreensão e uma fraternidade incentivada pela tolerância e pelo admirável pluralismo de ideias temerárias pela maturidade.

O «mundo novo» será sinônimo de mundo justo.

Agora que acabei de tentar uma pálida imagem do «mundo novo», penso para mim que, não obstante, tantas calamidades e catástrofes que o mundo actual conhece e se mostra impotente para as conjurar, já se identificam por entre os mais os arquitectos e planificadores, que entre o scepticismo generalizado estão congregando os remanescentes a utilizar futuramente.

Será possível o «mundo novo»?

É possível quando a revolução económica e quejandas for ofuscada pela grande «revolução das mentalidades».

J. C. VIEGAS

## QUE FAZ A COMISSÃO DE TRÂNSITO DE LOULÉ

(continuação da pág. 1)

põe, para o bom e normal escoamento do trânsito.

E não só... claro! Pois é essencial que se reduzam ao mínimo possível os acidentes que enlutam as nossas estradas.

Está portanto em jogo, também a integridade física de quem circula. Não será portanto aconselhável que depois (e só depois) de deploráveis ocorrências e de generalizada a conduta arbitrária que a Comissão de Trânsito se resolva então a agir, por reflexo e tabela, compulsada aliás pela força das circunstâncias.

Como a «Comissão» muito bem deve saber, cabe-lhe uma missão preventiva que não se coaduna com a sua actual atitude negligente do «deixa correr».

Adresse que a falta de uma ação regular e porfiada acabará por lhe criar, na certa, um acúmulo mais embarrasoso de resoluções.

Por todas as razões aqui enumeraadas, que mais não são do que uma ação superficial de uma conjuntura em gradual deterioração temos de apelar para a «Comissão de Trânsito», para o vogal camarário que chefia este pelouro, ou ainda para a Câmara Municipal, no sentido de, na esfera da sua competência, empenhar-se nas medidas conducentes ao disciplinamento e segurança do trânsito rodoviário.

Há falta de placas de sinalização; há falta de traços no pavimento e vias de rodagem. O aumento progressivo de viaturas e a consequente necessidade de recintos de estacionamento nas imediações da zona cen-

tral da Vila, clamaram a abertura de novos parques de estacionamento.

Sugerimos a sua localização nos terrenos devolutos, traseiros à estação da «Eva» e numa área baldia confrontada com as suas Padre António Vieira e Carreira.

Aí, não são de grande monta os trabalhos de terraplanagem não obstante virem a ser de inegável relevância no aspecto em apreço. Pondera-se a transformação destas zonas, inaproveitadas e inestéticas, em logradouros de comprovada utilidade pública.

Lembramos também que os trabalhos de reparação do pavimento no Largo Gago Coutinho apagaram as passadeiras dos peões, o que é contraproducente naquele cruzamento intensamente movimentado.

Aqui fica consignado o nosso reparo esperando que dentro do viável, prontas e eficazes medidas venham solver problemas de trânsito cuja agudização se desenha dia-a-dia.

J. C. Viegas

## LOULETANO PEDE INQUÉRITO

(continuação da pág. 1)

tade do desafio, e na sequência da expulsão de um jogador da equipa do Beira Mar, foi o árbitro do encontro cobarde e selvaticamente agredido por dois jogadores, seguindo-se uma invasão de campo por centenas de encímenos, muiços de facas, paus e outros objectos contundentes, que imediatamente começaram numa caça desenfreada ao árbitro, jogadores e directores da nossa equipa.

Foram momentos de terror e pânico os que então se viveram, vendendo-se alguns nossos jogadores pulando altos muros e fugindo por telhados, outros prostrados no solo a serem agredidos ao muro e pontapé, não escapando também a esta sanha primária e demolidora o nosso treinador, saído em maca para o hospital.

Destes tristes e lamentáveis acontecimentos, resultou para toda a equipa em campo, suplentes e dirigentes do nosso clube, além dos momentos de verdadeira angústia vivida, ferimentos e lesões que obrigaram a tratamento médico e hospitalar de uns e internamento efectivo de outros.

Por tudo o que se passou, pela gravidade que os acontecimentos atingiram e pelas gravíssimas consequências físicas, morais e materiais resultantes, daqui se apela para as entidades competentes no sentido de, imediatamente, ser levantado rigoroso inquérito de apuramento de responsabilidade para se aplicar castigo severo a todos os que colaboraram na lamentável e trágica tarde de 4 de Junho naquele campo de futebol.

# ATLETISMO

## Disputaram-se os Campeonatos Regionais Absolutos e por Equipas

Disputaram-se nos passados dias 21 e 22 de Maio os Campeonatos Regionais Absolutos de atletismo que contavam igualmente para o Campeonato de Equipas, de apuramento para o Nacional da III Divisão a disputar brevemente em Braga. Sob a organização da Associação de Atletismo de Faro, as provas decorreram na pista (?) do Liceu de Faro, e há que assinalar desde já a meritória presença da equipa do Louletano, que discutiu taco a taco a vitória colectiva com a equipa do Liceu de Faro, que se viria a sagrar vencedora por apenas 6 pontos de diferença. Isto não invalida aliás o superior valor da nossa representação que apenas pecou por falta de lançadores e fundistas, onde pecou por defeito e revelou por outro lado excesso nas provas de velocidade pura e prolongada e nos saltos, tal o bom lote de atletas apresentados nestas especialidades.

As classificações mais significativas obtidas pelos atletas louletanos foram as seguintes:

Comprimento — 1.º, José Bota (Louletano); 2.º, Jorge Viegas (Louletano).

400 metros — 1.º, Ludgero Coelho (Louletano).

Triplô — 2.º, José Neto (Louletano); 3.º, Vitorino Borges (Louletano); 4.º, Jorge Viegas (Louletano); 5.º, Hélder Clara (Louletano).

100 metros — 1.º, Ludgero Coelho (Louletano); 2.º, Jorge Santos (Louletano); 3.º, José Neto (Louletano).

4x100 metros — 1.º Louletano A (c/ Jorge Santos, Lélio Amado, José Neto e Leonardo Pinguinha); 2.º, Louletano B (c/ Espírito Santo, Reinaldo Correia, Carlos Cabrita e Jorge Viegas).

4x400 metros — 1.º, Louletano A (c/ Ludgero Coelho, Lélio Amado, Sérgio de Sousa e David Guerreiro); 2.º, Louletano B (c/ Carlos Cabrita, Eduardo Fernandes, Jorge Santos e Damásio Anselmo).

Altura — 1.º, Carlos Cabrita (Louletano); 2.º, Espírito Santo (Louletano); 4.º, António Batista (Louletano).

Vara — 2.º, Vitorino Borges (Louletano).

Peso — 4.º, Espírito Santo (Louletano); 5.º, Vitorino Borges (Louletano); 6.º, Joaquim Vairinhos (Louletano).

No final a classificação por equipas ficou assim estabelecida:

1.º — Liceu de Faro — 117 pontos.

2.º — Louletano 111 pontos.

3.º — Olhanense 24 pontos.

Pontuaram 9 equipas.

## HABILITAÇÃO NOTARIAL

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º Cartório

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que por escritura de 15 do mês corrente, lavrada de fls. 64, v.º a 65, v.º do livro n.º B-94, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, fui declarado que por óbito de José Marcos Pintassilgo, também conhecido por José de Sousa Marcos, ocorrido em 25 de Maio findo, no sítio de Alfarrobeira, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, onde habitualmente residia, natural da mesma freguesia, no estado de solteiro, maior, intestado, foi habilitada, como seu único herdeiro, a filha:

Cidália Maria Marcos da Ponte, casada segundo o regime da comunhão geral de bens, com Reinaldo José Guerreiro da Ponte, natural da freguesia dita de S. Clemente, e residente no sítio de Alfentes, freguesia de Beliqueime, deste concelho.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 17 de Junho de 1977.

O 2.º Adjunto, Fernanda Fontes Santana



## AGRADECIMENTO

MARIA TOMÁSIA CASIMIRO GONÇALVES

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada. Para todos, o penhor da nossa gratidão.

## CASA - Vende-se

Vende-se uma casa, situada na Cruz da Assunção, a 2 quilómetros de Loulé, com 7 grandes assoalhadas e cisterna. Tem armazéns, quintal, taberna e mercearia (única na área).

Tratar pelo telefone 611364 — LISBOA.

## TÁXI

Compra-se táxi na província do Algarve.

Nesta redacção se informa.



**JOSÉ GUERREIRO  
NETO & FILHO, LDA.**

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA...

— IMPERMEABILIZAÇÕES: COBERTURAS, PAREDES, FUNDACÕES, DEPÓSITOS, etc.

— PAVIMENTOS INDUSTRIALIS E PECUARIOS

— ISOLAMENTOS TÉRMICOS:

CAMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, etc.

Uma equipa de pessoal especializado encontra-se à seu dispor.

Escritório: Rua Padre António Vieira — LOULÉ  
TELEFONE 62 283

O ZÉ PÔE AS SUAS DÚVIDAS:

## 170 MIL CONTOS SERÁ MUITO DINHEIRO PARA HABITAÇÃO SOCIAL NO ALGARVE?

O Zé, que não tem nada, absolutamente nada de rico, nem contas chouradas nos bancos, nem carteira bem recheada, não fica nada ofuscado com os 170 mil contos que vão ser distribuídos em meados de Junho pelas autarquias algarvias para estas os empregarem em casas destinadas a gente de economia débil.

Afinal, feitas as contas não é dinheiro por si só esses 170 mil contos, que representam perante o oceano largo da falta de casas um somples e quase ridículo pingo de água.

Para quantas moradias dará 170 mil contos?

Suponho que não se pretenda construir «albergues» ou «pardeiros», talvez para 200 ou mesmo 300 moradias, não contando com os custos do respetivo enquadramento urbanístico e o valor dos terrenos.

A exiguidade, que daria amplos motivos ao Zé para se tirar a beiras despregadas não fosse o caso mais bichito e grave, não chega nem ao de leve para minorar uma situação que assume proporções alarmantes como é este, o de falta generalizada de habitações condignas para o povo sem vintém.

Embora a verba não se enfarte de visível generosidade o Zé veio a saber, pelos jornais, que também nem todos os concelhos do Algarve estão habilitados a beneficiarem da sua participação. À uma, porque têm planos e estes suplantam qualquer alternativa mais dadivosa, de modo que parece duvidosa a sua adaptação num

diminuto prazo; à outra, porque poucos ou muito poucos são os concelhos que dispõem de terrenos e planos adequados.

A situação é exasperante por tabela para o Zé que verá no final de tão apregoada campanha os 170 mil contos, caminharem direitinhos para uma ou duas autarquias mais dotadas orçamentalmente e portanto mais ricas em dinheiro, que eliminarão qualquer devaneio de autarquias mais pobres e menos aptas a responderem ao imprevisto das exigências técnicas feitas sobre a hora.

Mais uma vez o Zé tem de lançar os seus olhares pela estranha e pensar nos tontos que lá amealhará para construir depois, na volta, à custa de muitas canseiras e privações, a casa dos seus sonhos.

Bem o Zé não desanima embora o cenário seja de facto pouco animador.

Do Zé Ningém

## A OURIVESARIA ALBANO ESPOLIADA DO SEU RECHEIO

(continuação da pág. 1)  
Até, que na noite do assalto deu uma sessão de cinema.

Tiveram entretanto conhecimento de que um débil tabique se seguia à porta e que uma vez esta franqueada

# Charcos de água estagnada nos arrabaldes de Albufeira

Existe nos arrabaldes do concelho de Albufeira grandes quantidades de água da chuva resultante dum Inverno prolongado que ocasionam a proliferação de insectos prejudiciais à saúde pública. Assim sendo parecemos aconselhável efectuar uma luta contra o desenvolvimento dos insectos, procedendo ao saneamento geral de todos os charcos que por falta de escoramento originam o desenvolvimento desses insectos condutores de doenças.

Temos um exemplo na zona das Ferreiras, Vale de Serves, Fontainhas onde por falta de limpeza o desenvolvimento da criação de insectos originários de muitas doenças é um facto. Será que só quando surgir uma epidemia se tentará combatê-la?

Pertence à Direcção Geral de Saúde o fiscalizar essa anomalia através das Câmaras Municipais.

Fica portanto aqui o nosso alerta para a Direcção Geral de Saúde ou outras autoridades responsáveis.

Não queremos deixar de chamar igualmente a atenção para a criação

de esgotos e na Estação de Tratamentos que denunciam condições deficientes.

Aqui damos uma achega feita neste sentido.

Esperamos seja ouvido o apelo lancado.

José Leal Branco

### • HÁ QUE PROVIDENCIAR O REAPETRECHAMENTO DOS BOMBEIROS DE ALBUFEIRA

A nova Corporação de Bombeiros de Albufeira enfrenta o afluente problema da falta de equipamento técnico capaz de neutralizar qualquer emergência.

Precisa pois ser ajudada no sentido de se transformar numa corporação completamente operacional, o que só

será possível desde que disponha de conveniente material, designadamente, de uma moto-bomba, auto-tanque, caixetas com viseira e outros mais.

Face à conjuntura que não se compõe com deslongas, apelamos para a Comissão Regional de Turismo, Câmara Municipal, Governo Civil, indústria hoteleira e público em geral, a fim de conjugarem préstimos e contributos em prol do reapetrechamento dos nossos bombeiros para que eles sirvam, melhor ainda, a causa da paz.

Situamo-nos numa zona turística onde existe grande número de unidades hoteleiras e onde os riscos são evidentes. Há que os eliminar dentro do viável.

Aqui deixamos lavrado o nosso apelo.

José Leal Branco

## NORTE & RODRIGUES, LDA.

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 6 do mês corrente, lavrada de fls. 30 v. a 32, do livro n.º B-49, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre José Rodrigues Norte e Diamantino Farias Rodrigues, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Norte & Rodrigues, Lda.», e tem a sua sede na povoação e freguesia de Almansil, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

2.º — O seu objecto consiste no exercício do comércio de mercearia, vinhos e produtos alimentares em geral, podendo explorar qualquer outro ramo de negócio, que a sociedade resolva explorar e seja permitido por lei.

3.º — O capital social é de 1 500 000\$00, e está integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, e foi subscrito pelos sócios com duas quotas iguais de 750 000\$00, para cada um.

4.º — É livre a cessão de quotas entre os sócios. A cessão a estranhos depende do consentimento da sociedade, ficando reservado a esta o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios em segundo.

5.º — O sócio que pretender ceder a sua quota a estranhos avisará a sociedade, deste facto, por carta

registada com aviso de recepção. Se a sociedade nada responder ou declarar não pretender preferir, dentro do prazo de vinte dias, poderá a cessão ser livremente efectuada.

5.º — A gerência da sociedade dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

§ 1.º — Para obrigar validamente a sociedade é necessária a assinatura de dois sócios gerentes, podendo os actos de mero expediente ser assinados por um só gerente.

§ 2.º — Fica vedado à gerência obrigar a sociedade em actos estranhos ao objecto social.

6.º — Quando a lei não exigir outras formalidades a convocação de Assembleias Gerais far-se-á por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com quinze dias de antecedência, pelo menos.

7.º — No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os herdeiros ou representantes do falecido ou interditado, de um que os represente a todos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 11 de Junho de 1977.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## TRESPASSA-SE

Por motivos de falta de saúde, trespassa-se a Sapataria Garracho. Tratar no próprio local ou pelo Telefone 62304 — LOULÉ.

## COMISSIONISTA

PRECISA-SE para o Algarve. Ramo de Enxovals, Malhas, Artigos p/ bebé, Calçado e outros.

Resposta ao n.º jornal ao n.º 27.

### CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE FARO

## AVISO

Avisam-se os Srs. Beneficiários que, a partir de 13 do corrente, os benefícios de previdência (Abono de Família, Subsídios complementares, subsídios de doença e subsídio de desemprego) passam a ser pagos por intermédio dos Bancos (Português do Atlântico, Nacional Ultramarino e Fonsecas e Burnay).

Para o efeito, os interessados receberão pelo Correio os avisos recibos que lhes permitirão deslocar-se àqueles Bancos para receber as respectivas importâncias.

Assim, a partir da mesma data, deixam de se efectuar pagamentos na Sede da Caixa ou através de vales de correio.

Faro, 3 de Junho de 1977.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

# Entrevista com o Presidente da Câmara

(continuação da pág. 1)

camarária em termos urbanísticos para acompanhar o grande surto de desenvolvimento ali registado?

P. — Em Quarteira sobre a urbanização temos um problema gravíssimo, que é o bairro chamado dos Pescadores, de construção clandestina, que em determinada medida tem sido fruto da dificuldade que temos sentido para poder dar solução ao problema da habitação através da Associação dos Moradores de Quarteira. Trata-se de uma Associação que está interessada em realizar um programa de habitação integrada no processo SAAL. Sucedeu entretanto que até este momento ainda não conseguimos regularizar convenientemente o problema do terreno onde essa Associação irá implantar as moradias para os seus associados. A Câmara está a tentar, aliás sempre tem tentado, «demarches» no sentido de se concretizar esse problema. Julgo que estamos em vésperas, porque as entidades que irão ceder os terrenos para essa Associação, (Algar-Hotel e Lusotur) estão contactadas particularmente. Com Algar-Hotel há um prece que direi quase simbólico. Num gesto bastante simpático responderam à solicitação da Câmara e só por falta de nova Administração é que ainda não está concretizada a transacção com essa empresa. Em relação à Lusotur, pois como é do vosso conhecimento só há poucos dias é que a administração tomou posse. Tive recentemente a visita de dois desses administradores, que me prometeram envidar todos os esforços no sentido de que seja a muito curto prazo uma realidade a cedência dos terrenos da Lusotur, para a Associação de Moradores.

Julgo, quando esse problema dos terrenos estiver resolvido, que o bairro social de Quarteira será uma realidade, até porque a Associação neste momento já é detentora de uma elevada importância, salvo erro 1 500 contos, que lhe foi facultada pelo Fundo de Fomento da Habitação. Também posso informar que já há verbas aprovadas para as infraestruturas do mesmo empreendimento e como tal, dentro de relativamente pouco tempo, será uma realidade o início das obras do bairro. Com esse bairro fica resolvido em parte o problema das casas clandestinas e da habitação social, pois como se asse, Quarteira é hoje um grande centro turístico em que as camadas mais desfavorecidas não dispõem do mínimo de capacidade para poderem suportar as rendas astronómicas que se pedem. Como tal esta iniciativa, da Associação de Moradores à qual o Governo desde a primeira hora deu o seu apoio através do programa SAAL, vem resolver sobremaneira o problema da habitação em Quarteira.

## ● TOPOGRAFIA DE QUARTEIRA

V. — Sr. Presidente, falando de Quarteira ocorre-me focar aqui um assunto que se tem por vezes ventilado através do nosso jornal. É precisamente o assunto relacionado com a topografia, ou com a falta de designações das ruas de Quarteira. Creio que os Municípios socorrem-se por vezes das suas Comissões de topografia. Haverá alguma coisa de semelhante aqui na nossa Câmara de Loulé?

P. — Não temos qualquer Comissão de Topografia porque entendemos, no caso concreto de Quarteira que deve ser a sua Junta de Freguesia e como tal os representantes eleitos pelo povo, os responsáveis por isso. Neste momento, felizmente, já o fizeram. Tenho presente, foi-nos entregue há poucos dias, uma relação com os nomes que a Junta de Freguesia entendeu atribuir às ruas da sua terra. Resulta que tem estado em análise, pela Câmara, qual o tipo, qual o material que iremos usar nas placas a adoptar. Se em pedra se em azulejos. Há outro problema que nos aflige que é a numeração. Também não temos nada resolvido sobre o tipo de numeração se deve ser pintada a preto como usualmente, se deve ser em azulejos como se usa nalgumas terras. Tudo isso, como deve calcular envolve um valor a considerar, que é o valor custo de qualquer desses tipos. Isso está em análise neste momento.

## ● HABITAÇÃO SOCIAL

V. — Segundo sabemos não ser realizados pelos diversos Municípios do Algarve na primeira semana de Junho, 170 mil contos destinados a habitação social. Quais são precisamente os projectos neste campo da Câmara de Loulé e o que programa de concreto fazer acerca do melhor aproveitamento da verba que lhe for distribuída?

P. — Ora esses 170 mil contos, fazem parte de uma verba atribuída pelo Fundo de Fomento da Habitação para o chamado plano de desenvolvimento de habitação social. Essas verbas ainda não foram atribuídas, ou melhor não foram distribuídas pelas Câmaras o que deve ser feito em meados de Junho. Essas verbas são todavia atribuídas às Câmaras que detêm terrenos e projectos. Infelizmente Loulé ainda não se integrou em qualquer desses planos de desenvolvimento. Já o ano passado houve uma verba para esse efeito. Por alvitre da Câmara de Loulé, aliás isso está permitido no Decreto, vamos convidar os construtores da nossa terra que reúnem as condições exigidas, ou sejam terrenos próprios e projectos, de molde a poderem apresentar as suas propostas concretas para serem atendidas e consideradas nessa distribuição. Já contactámos particularmente um construtor que sabemos possuir terrenos e projectos, o que ficou de me responder sobre o assunto. Entretanto, qualquer construtor de Loulé pode apresentar a sua proposta desde que reúna as condições exigidas. Se infelizmente tal não suceder, pois será com bastante mágoa que verei mais uma vez verbas importantes não serem gastos na nossa terra e que de algum modo ajudariam a solucionar o problema da habitação. No entretanto devo dizer que a habitação dentro desse programa, é destinada à venda a particulares que as adquirem em fogos, e terão de respeitar as tabelas que se encontram em vigor para a habitação social.

E já que falamos em habitação, o grande problema de Loulé só pode ser resolvido com a expansão norte-sul, pois a Cooperativa Nova Terra e Associação de Moradores 26 de Junho propõem-se construir centenas de fogos para responder aos anseios dos seus associados. Como sabe temos no nosso concelho algumas indústrias que neste momento absorvem várias centenas de trabalhadores. Alguns deslocam-se de vários pontos distantes da sede, do nosso Concelho, o que acarreta dificuldades tremendas para as pessoas que trabalham. As deslocações são bastantes onerosas para os já difíceis orçamentos domésticos em que a renda da casa é um factor que pesa bastante. A solução do plano norte-sul seria a solução da habitação social, seria a solução de centenas muito largas de trabalhadores de Loulé.

## ● PARQUE MUNICIPAL

V. — Sobre o parque municipal, haverá tensões camarárias para melhor aproveitamento, com vistas a juntas culturais?

P. — O parque municipal que há poucos dias na companhia de dois vereadores tive a oportunidade de visitar em profundidade, mereceu-nos, após essa visita, uma análise daquilo que verificamos. Reconhecendo e nisto todos fomos unâmes, que Loulé tinha uma dívida de gratidão às Câmaras que há longos anos se debruçaram e trabalharam para a realização do parque, lamentando todos o abandono a que o mesmo está votado. Oitenta mesmo, tive contactos com o sr. Director da Federação dos Municípios para que a electrificação desse parque seja estudada. Esse será o primeiro passo para que o parque possa ser um atrativo nas noites de verão para as populações da nossa terra. Essas visitas, que contamos, a população não vai de certo deixar de fazer, permitirão que nos abalancemos à possível realização das célebres festas de verão no parque.

## ● FESTAS NA ÉPOCA ESTIVAL

V. — Para a época estival que está à porta, há algo de positivo preparado que se insira sob os auspícios

de incremento turístico, designadamente, festas e atrações similares?

P. — Há sim senhor. Tem sido, como já demonstramos, vontade desta Câmara, manter um ciclo de festas em Loulé. Como sabe, este ano as festas do Carnaval só não foram êxito porque S. Pedro não permitiu. Creio que a colaboração que o Município prestou aos festas de Nossa Senhora da Piedade, não tendo sido aquilo que de princípio tínhamos imaginado devido ao curto espaço de tempo que mediava, não nos envergonhou e de qualquer modo veio valorizar uma das festas com mais tradições da nossa terra. Em relação ao futuro, indo ao encontro com os responsáveis de turismo do nosso país, vamos tentar com as festas de verão arrastar do litoral para o interior as grandes massas de turistas e nossos emigrantes que nos visitam por essa época. Estamos convictos que serão um êxito as festas de verão em Loulé.

## ● ARMAZÉNS DE MATERIAL CARNAVALESCO

V. — Há algum projecto em perspectiva para a edificação de armazéns destinados à recolha de carros e materiais dedicados ao Carnaval?

P. — Há com efeito. Neste momento é já uma realidade. A parte exterior está executada, aguardamos apenas que a empresa a quem adjudicamos a obra, complete a cobertura. Isso só não foi possível devido infelizmente à nossa indústria não ter capacidade de resposta às solicitações. Como todos sabemos temos vindo a atravessar uma crise na construção civil, e eu pergunto se não estivéssemos em crise não passaríamos a ter outra por a nossa indústria não possuir a tal capacidade de resposta?

V. — Qual é a área coberta do armazém?

P. — Concretamente são 980 metros quadrados.

## ● ALUGUER DE CONTADORES DE ELECTRICIDADE

V. — O Município já se encontra de posse de uma nova taxa de aluguer de contadores de electricidade? Este assunto, parece ter suscitado uma certa celeuma pública.

P. — Essa nova taxa de contadores é fruto de um despacho governamental para o qual as Câmaras não foram ouvidas. O facto parece consumado e como tal nós não temos outra palavra a dizer, se não acatar e pagar as contas tal como nos são apresentadas. Continuam as Câmaras a não ser ouvidas pelos problemas interligados com os interesses das suas populações, especialmente as mais débeis.

V. — Já reflectiu e já se pronunciou a vereação sobre os novos horários a vigorar para o comércio local de acordo com as atribuições que lhe foram conferidas superiormente?

P. — A Câmara até este momento ainda não deliberou nada sobre esse assunto, porque é nossa intenção primeiramente ouvirmos a Associação local dos comerciantes e, o sindicato dos Trabalhadores. Só assim será possível, de conformidade com as suas solicitações e os seus anseios, fazermos uma obra capaz de corresponder às necessidades da nossa terra, conjugando os interesses do comerciante e dos trabalhadores, assim como do público em geral.

## ● DEFICIÊNCIAS EM PRÉDIOS NOVOS

V. — Consta-nos que se verificam graves deficiências técnicas nas instalações de água, luz e esgotos, nos novos prédios recentemente construídos e adjudicados por empreitada. Há a registar realmente tais anomalias?

P. — Concretamente na Câmara não têm sido apresentadas quaisquer reclamações. No entanto não posso dizer-lhe que as desconheça. Particularmente tenho ouvido críticas sobre essa matéria. Já contactei o responsável, o chefe dos Serviços Técnicos da Câmara, sr. Eng.º Pedroso, na possibilidade de se fazer uma prévia fiscalização a todos os órgãos que compõem essas instalações, tanto de águas como de esgotos, de molde a que se não permitam anomalias. Sucedeu, infelizmente, que não temos um quadro técnico à altura para nos poder-

mos debucar de imediato no problema e de o apoiarmos como à evidência, se verifica aconselhável. Continuo a pensar e sou da sua opinião que há motivos para reclamações. Sem pretender atingir qualquer industrial, porque felizmente os há na nossa terra honestos, e bastante honestos, é possível que um ou outro tenha abusado e tenha provocado essas situações a que o sr. faz referência.

## ● HOMENAGEM A PEDRO DE FREITAS

V. — No nosso jornal apresentámos um alvitre acerca da dedicação de Pedro de Freitas pela sua terra, no sentido de lhe ser atribuída, pelo Município, como reconhecimento de Loulé, uma medalha de mérito. Essa sugestão mereceu alguma ponderação por parte da Câmara?

P. — Não, não mereceu até porque lhe devo dizer que eu, devido aos meus afazeres, pouco tempo disponho para me dedicar à leitura dos jornais e no caso mais concreto até à leitura do jornal da terra. Devo dizer que é a primeira vez que ouço falar sobre este assunto. Desconhecia que «A Voz de Loulé» tivesse feito esse alvitre que me parece de todo o interesse. Também nenhum vereador, ou por desconhecimento ou por esquecimento, o apresentou. No entanto eu tomarei devida nota da sua informação e parece-me que Pedro de Freitas, com quem há poucos dias quando da visita da Banda de Fanfarras tive a oportunidade de conversar e contactar sobre a realidade actual no campo musical de tradições vastíssimas da nossa terra que remontam há mais de um século, é um homem que tem dado o melhor do seu saber no domínio musical, e não só, em prol da sua terra, atendendo às obras por ele já publicadas, sempre insufladas de um bairrismo que não é vulgar, especialmente nos jovens. Como tal eu julgo que a Câmara irá analisar o alvitre da «Voz de Loulé». Se possível na próxima reunião da Câmara abordarei esse assunto, até porque na última sessão um vereador apresentou uma proposta de homenagem a um homem que não sendo de Loulé, tem todo o seu passado, toda a sua vida ligada a esta terra. Trata-se de António Aleixo.

## ● ASSUNTOS DIVERSOS

V. — Para finalizar, o sr. Presidente tem alguma coisa mais a considerar, a ventilar, ou algum depoimento a tecer acerca de qualquer assunto que lhe mereça atenção em especial?

P. — Eu julgo que passamos a pente fino os grandes problemas que nos afligem e só lamento até este momento não poder, através de obras realizadas, corresponder aos anseios da população da minha terra que confiou nesta equipa. Quero aqui,

pois, através de «A Voz de Loulé» declarar-lhes que nós não estamos de modo algum esquecidos dos seus problemas mas, compreendendo que se até ao momento não temos tido capacidade para dar-lhes solução é porque também não temos tido o apoio oficial.

Estou certo que a curto prazo o Governo se debruçará sobre esta situação não só da Câmara de Loulé, mas de todas as Câmaras do Algarve. Há de criar condições de molde a que possamos dar resposta mais rápida aos problemas que a todos atinge, não só aos da serra porque esses voltam a repetir, no caso concreto de Loulé, são os mais necessitados, mas até aos arredores, onde há ainda populações que não usufruem de água e de electricidade. Quando os homens do Alentejo se queixam que não têm caminhos, que não têm água, que não têm luz, eu devo-lhes dizer que compreendam que não se trata aqui de um favoritismo. Nas freguesias de S. Clemente e de S. Sebastião, por exemplo, muito próximas da nossa vila, também há lugares onde os taxistas não se deslocam porque as vias não estão em condições de acesso e em que os doentes se vêm em situações muito afeitas para poderem ser assistidos pelo médico. Por vezes têm de contornar muitos quilómetros para adquirirem o precioso líquido que é a água.

É uma tradição de Loulé, todos os homens que têm estado à frente dos seus destinos, se entenderem. Até este momento, como sabe, pois os matizes políticos são muito variados, todos têm correspondido do que me orgulho, dentro das suas possibilidades. As vereações não obstante as suas diligências nunca poderão dar aquele rendimento que as populações exigem e julgam estar ao seu alcance. Os vereadores não têm qualquer remuneração. Nós para facilitarmos, para que se mantenha um diálogo mais permanente entre os municípios e a Câmara, temos as nossas reuniões à noite, com todos os inconvenientes para quem trabalha. Como o sr. já tem tido oportunidade de apreciar, as reuniões públicas terminam por volta da uma e uma e meia da madrugada, mas terminam somente para o público, porque voltamos a reunir o gabinete e saímos daqui às três e meia da manhã.

Como tal, pois os vereadores dentro das suas possibilidades têm dado uma colaboração extraordinária. A mim o que mais me sensibiliza é que todos, absolutamente todos, isto é bom que fique registado, têm abdicado dos seus ideais, das suas opções partidárias para colocarem a sua capacidade ao serviço da sua terra.

Isto, que infelizmente não está a acontecer nalguns concelhos do Algarve, é maravilhoso e faz jus que o Concelho de Loulé, que o povo de Loulé dele tome conhecimento.

## Tantos «doentes»!

O amor que me liga a Portugal não me permite dizer mal dele, como país, mas sim dos maus portugueses, daqueles que, em vez de trabalharem para que se avance no caminho da recuperação económica, parecem empenhados em travar de mil modos essa recuperação. Ninguém quer ser apontado, mas a realidade está à vista.

A propósito: há dias perguntaram-me se conhecia a diferença entre um pêce russo, um inglês e um português. Respondi que não. Então explicaram-me: o russo levanta-se às 5 h., bebe um copo de vodka e vai trabalhar; o inglês levanta-se às 9, bebe um copo de whisky e vai para o escritório; o português levanta-se às 11, faz xixi num frasco e vai à Caixa para análise...

Anedota de café, com certo espírito de «reação», dirão alguns. Também não aceito sem reservas a «clique», porque o partido dos preguiçosos (P. P.) tem um leque muito vasto. Portugal deve ser um dos países com maior número de pessoas com baixa na Caixa. Há médicos que, para se verem livres de impertinências e até de atitudes arrogantes, renovam a «baixa» com uma facilidade espantosa. Muitos destes «doentes»

continuam a trabalhar, ganhando aqui e acolá, ou, o que é mais frequente, levam uma vida de não-te-ralas, porque a Caixa paga.

Certo clínico, que não suporta tais abusos num país a mendigar empréstimos, já classificou a doença destes oportunistas sempre a «chupar» a Caixa («ama» quase seca...), anotando nalguns documentos este curioso diagnóstico: «É caixófilo».

É urgente inventar uma vacina contra esta «doença» que tende a tomar aspectos de epidemia... A Caixa de Previdência é para os verdadeiros doentes.

## UM TRABALHADOR

(De «A Voz do Domingo»)

## HUMOR

Ouvido numa garagem:

— Comprei um carborador que economiza 3% de gasolina; um contador que economiza 50% de gasolina e um jogo de velas que economiza 30% de gasolina. Passados dez quilómetros, o depósito de gasolina começou a deitá-la por fora.

# «ANGOLA É A MINHA TERRA»

Manifestando recentemente o seu desapontamento pela vil traição de que a sua terra foi vítima, uma jovem e culta angolana de cor, exprimiu assim o seu desejo de regressar: «*Angola é a minha terra e eu adoro viver em Angola mas estou no Algarve porque não suporto passar fome. Gosto muito de comer e acrescentou: «a vida lá é impossível. Agora, além da fome, as pessoas são vigiadas permanentemente e, quase de 500 em 500 metros, são obrigados a identificar-se e dizer para onde vão. Basta que se esqueçam do seu «cartão» para passar alguns dias na caia.*

São estas as «ampas liberdades» que os comunistas «concedem» aos seus súbditos...

E com voz magoada, acrescentou: «*minha mãe veio de lá há poucos dias e disse-me que há muitas pessoas a morrer de fome e são enterradas em valas comuns, pois já nem sequer há madeira para fazer caixões.*

Que meditem nisto os nossos «progressistas» que quizeram transformar a nossa Pátria em mais uma submissa colónia da U. R. S. S., na qual só alguns ricos privilegiados seriam beneficiados.

## RELATÓRIO DA JUNTA DISTRITAL DE FARO

(continuação da pág. 1)  
de 1976 da Junta Distrital de Faro que nos foi endereçado.

Tem interesse salientar que face a um «paralelismo» de competências não coadunantes com a autonomia distrital, a dependência do Gabinete de Planeamento do Algarve se definirá logo que constituirá democraticamente nova Junta.

Dai o considerar-se modesta a actividade da Junta Distrital uma vez privada dos seus serviços técnicos de fomento e de apoio técnico aos municípios.

O movimento de fundos operado foi o seguinte:

Saldo de 1975, 7 450 953\$20; Receita cobrada em 1976, 5 016 721\$80; Despesa do mesmo ano 3 909 807\$20; Saldo para 1977, 8 557 867\$90.

Pela Junta Distrital foram concedidos diversos subsídios, que totalizam 650 726\$40, para fins culturais, divulgação de trajes e costumes regionais, prémios e bolsas de estudo.

O saldo acumulado destina-se à construção do edifício para o Arquivo Distrital, Biblioteca e Centro de Cultura.

Espera-se que com a criação da região do Algarve novas e importantes

## SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO SAL

Realizar-se-á de 29 de Maio a 1 de Junho de 1978, o V Simpósio Internacional do Sal, em Hamburgo, o qual congregará a presença de destacados especialistas.

A agenda de trabalhos versará a tecnologia de produção bem como o armazenamento de gás natural, óleo cru e ar comprimido em cavidades subterrâneas abertas nos jazigos de sal-gema.

«A Voz de Loulé» N.º 628, 23-6-77

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

# ANÚNCIO

C. P. 75/77

(2.ª publicação)

No dia 18 de Julho, às 14 horas, neste Tribunal — 2.º Secção — nos autos de carta precatória extraída da execução de sentença que, na 2.ª Vara Civil de Lisboa, João Belchior Viegas move contra Manuel Pereira Júnior e mulher Sara Rocha Sá da Costa Pereira, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 77, r/c, Lisboa, será posto em praça, pela 1.ª vez, para ser arrematada, ao maior lance oferecido acima de 9 680\$00, a

ecorela de terra de semear e improdutiva com sobreiros, apreendida aos executados, sita no Barranco do Velho, denominada Córrega da Estaca, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 25824, a fls. 20 do Livro B-66, inscrita na matriz respectiva sob o art.º 8712.

Loulé, 26 de Maio de 1977.

O Escrivão de Direito,  
João-Maria Martins  
da Silva  
Verifiquei: — O Juiz  
de Direito,  
Jorge Mourão Mendes  
Leão

## Opúsculo «Ria de Faro - Conservação e aproveitamento»

Da autoria do eng.º agrónomo António da Fonseca Leal de Oliveira foi recentemente editado um opúsculo intitulado «Ria de Faro-Conservação e Aproveitamento», que se reporta a uma comunicação apresentada pelo autor no colóquio sobre a conservação das zonas húmidas em Portugal, realizado em Lisboa em Outubro de 1976.

A publicação aludida trata de uma apreciação geológica evolutiva baseada no estudo da cartografia da região e do seu aspecto actual. Noutro âmbito, o autor analisou eventualidades de exploração económica e comentou o combate à poluição e a luta para a conservação e defesa da Natureza a fomentar naquela zona para a preservar quanto possível.

Outros assuntos de real interesse são ali ventilados.

Pelo seu elucidativo conteúdo o opúsculo reúne matérias que devem pertencer ao domínio público.

Felicitamos o sr. eng.º António da Fonseca Leal de Oliveira pelo seu excelente trabalho analítico e agradecemos o exemplar que amavelmente nos enviou.

## MAIA & CORDEIRO, LDA.

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 2.º CARTÓRIO

**Notário: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas**

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 8 do mês corrente, lavrada de fls. 37 a 39, do livro n.º C-49, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Manuel Marques Maia e Francisco Martins Cordeiro, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Maia & Cordeiro, Lda.», e tem a sua sede na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, na Rua Projectada à Avenida Infante de Sagres, loja A do lote n.º 3 — Rajofe, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

2.º — O seu objecto consiste no exercício de exploração e comércio de talho,

charcutaria, preparação de carnes e seus similares, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria, que a sociedade resolva explorar e seja permitido por lei.

3.º — O capital social é de 1 000 000\$00, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, e corresponde à soma das quotas dos sócios, no valor de 500 000\$00, para cada um.

4.º — 1. A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. Qualquer dos sócios gerentes poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência por meio de procuração em quem entender.

3. Para obrigar validamente a sociedade basta a assinatura de um sócio gerente ou de um seu procurador.

4. É expressamente proibido aos gerentes ou seus procuradores obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, lettras de favor ou outros semelhantes.

5.º — 1. A sessão de quotas, no todo ou em parte, é livremente permitida entre os sócios; — a estranhos fica dependente de prévio consentimento da sociedade, à qual em primeiro lugar e a cada um dos sócios em segundo, é reservado o direito de preferência.

6.º — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 11 de Junho de 1977.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

«A Voz de Loulé» N.º 628, 23-6-77

TRIBUNAL DAS EXECUÇÕES FISCAIS DE LOULÉ

1.º Praça

## EDITAL PARA ARREMATAÇÃO

José Correia Varela, Juiz Auxiliar das Execuções Fiscais do Concelho de Loulé:

Faço saber que no dia 20 de Julho de 1977, pelas 14 horas à porta da Repartição de Finanças do concelho de Loulé, se há-de proceder à arrematação dos bens abaixo designados, penhorados nos autos de execução fiscal N.º 1/75-C. P., que a Fazenda Nacional move contra Empresa Turística do Vale do Lobo do Algarve, Lda., com sede na Rua José Estêvão, N.º 3, 1.º, em Faro, para pagamento da quantia de dois milhões seiscentos sessenta e três mil quinhentos e dezito escudos, e bem assim juros de mora, selos e custas do processo, proveniente de dívida de Contribuição Industrial Grupo A, do ano de 1973.

### BENS PENHORADOS

1.º — Boite — Prédio urbano que se destina a exploração comercial e se compõe de um piso com um compartimento, três sanitários, cozinha e quatro anexos, no sítio de Vale do Lobo, freguesia de Almancil, inscrito na matriz sob o artigo N.º 1 698.

Este prédio vai à praça por o maior lance oferecido acima do valor matricial de 34 680\$00.

6.º — Clube de Golfe — Prédio urbano destinado a exploração comercial composto por um piso com dez compartimentos, três casas de banho, varanda e jardim, no sítio do Vale do Lobo, freguesia de Almancil, inscrito na matriz sob o artigo N.º 1 761.

Este prédio vai à praça por o maior lance oferecido acima do valor matricial de 836 400\$00.

7.º — Uma morada de casas destinadas a exploração comercial denominada por «Bar do Mini Golf» e que se compõe de sala de bar, escritório, duas casas de banho e arrecadação, no sítio de Vale do Lobo, freguesia de Almancil, inscrita na matriz sob o artigo N.º 1 847.

Este prédio vai à praça por o maior lance oferecido acima do valor matricial de 163 200\$00.

Pelo presente são citados todos os credores incertos e desconhecidos do executado.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares que a Lei determina.

Loulé, 6 de Junho de 1977.

— para todos os fins —

CASA CHAVES CAMINHA

Av. Rio de Janeiro, 19-B  
Lisboa — Telef. 725163

mancil, inscrito na matriz sob o artigo n.º 1 754.

Este prédio vai à praça por o maior lance oferecido acima do valor matricial de 51 000\$00.

5.º — Bloco Comercial N.º 2 — Um prédio urbano que se compõe de r/chão casa N.º 1, com uma divisão, arrecadação, casa de banho e escritório: Casa N.º 2 — uma divisão e casa de banho; Casa N.º 3 — Uma divisão e casa de banho; Casa N.º 4 — Uma divisão e casa de banho; 1.º andar — Casa N.º 1 com 2 compartimentos e duas casas de banho, destinadas a comércio; Casa N.º 2 — Uma divisão e casa de banho; Casa N.º 3 — Uma divisão e casa de banho; Casa N.º 4 — Uma divisão e uma casa de banho, no sítio de Vale do Lobo, freguesia de Almancil, inscrito na matriz sob o artigo N.º 1 760.

Este prédio vai à praça por o maior lance oferecido acima do valor matricial de 34 680\$00.

6.º — Bloco Comercial N.º 3 — Um prédio urbano que se compõe de r/chão com uma divisão para comércio, uma arrecadação e casa de banho. R/chão que se destina a restaurante e bar com cozinha, sala de bar, cave com quatro pequenas divisões e instalações sanitárias. 1.º andar direito, destinado a habitação com três divisões, hal, casa de banho e varandas.

1.º andar esquerdo com quatro divisões, cozinha, duas casas de banho e varandas, no sítio de Vale do Lobo, freguesia de Almancil, inscrito na matriz sob o artigo N.º 1 761.

Este prédio vai à praça por o maior lance oferecido acima do valor matricial de 836 400\$00.

7.º — Uma morada de casas destinadas a exploração comercial denominada por «Bar do Mini Golf» e que se compõe de sala de bar, escritório, duas casas de banho e arrecadação, no sítio de Vale do Lobo, freguesia de Almancil, inscrita na matriz sob o artigo N.º 1 847.

Este prédio vai à praça por o maior lance oferecido acima do valor matricial de 163 200\$00.

Pelo presente são citados todos os credores incertos e desconhecidos do executado.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares que a Lei determina.

Loulé, 6 de Junho de 1977.

E eu, José de Sousa Gonçalves, aspirante, servindo de escrivão, o subscrevi.

Verifiquei: — O Juiz Auxiliar, José Correia Varela

## «Bodas de Ouro» dos Bombeiros Municipais de Loulé

(continuação da pág. 1)  
lpe Ribeiro da Inspecção de Incêndios da Zona Sul, além dos Comandantes das Corporações de Bombeiros do Algarve.

Após a passagem em revisão aos elementos perfilados, usou da palavra o dedicado Comandante dos Bombeiros de Loulé, sr. Carlos Leal, a que se seguiu a condecoração do estandarte com a medalha de ouro de 2 estrelas da Liga dos Bombeiros Portugueses e a medalha de ouro com esmalte da Cidade de Tavira. Foram ainda condecorados com medalhas de ouro de comportamento exemplar os quatro Bombeiros mais antigos de Loulé ainda em actividade com 47, 44, 42 e 42 anos de serviço respetivamente.

Deuse depois inicio a um desfile em direcção ao cemitério onde o Comandante Carlos Leal depositou coroas de flores no Tálhão Peivativo dos Bombeiros de Loulé, e se observou um minuto de silêncio em memória dos camaradas falecidos, em ambiente de grande emoção, após o que, terminada esta romagem de saudade, os Bombeiros, as individualidades e o público presente se dirigiram à Igreja de S. Francisco onde foi celebrada Missa pelo reverendo Padre Coelho que profereu uma vibrante e inspirada homilia que tocou profundamente o coração de todos os presentes.

Cerca das 11.30 horas, seguiu-se uma demonstração de simulacro de incêndio e salvamento, onde comemoraram os meios obsoletos de que se dispunha em 1927 para as operações de combate ao fogo e salvamento de vidas, com os modernos processos de que a nossa Corporação felizmente está equipada.

Penso que o público que acorreu ao Parque Municipal para assistir a esta demonstração não se pronesse pelo número, porque se os Bombeiros estão 365 dias no ano à disposição da sociedade, é lamentável que esta não disponha de uma hora para acarinhar os Bombeiros no dia da sua festa.

Terminada que foi a demonstração, seguiu-se um desfile de viaturas pelas ruas da vila, após o que teve lugar um almoço de confraternização

«A Voz de Loulé», N.º 628, 23-6-77

TRIBUNAL JUDICIAL  
DA COMARCA  
DE LOULÉ

## ANÚNCIO

Proc. 47/77

(1.ª publicação)

Por este Juízo, na acção de divórcio que, na 2.ª Secção, Domingos Martins Pimentel, pedreiro, residente em França move contra sua mulher Maria da Conceição Correia Milharuco, ausente em parte incerta de França, e cuja última morada conhecida foi no sítio dos Cavacos, Quarteira, correm editos de 30 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando a referida ré para, no prazo de 20 dias, que comece a correr depois de findo o dos editos, contestar a dita acção, pela qual o autor pede que seja decretado o divórcio, com fundamento no abandono por mais de 3 anos e na separação de facto por 6 anos consecutivos.

Loulé, 8 de Junho de 1977.

O Escrivão de Direito,  
João-Maria Martins  
da Silva

Verifiquei: — O Juiz  
de Direito,  
Jorge Mourão Mendes  
Leão

## Orlando Augusto da Silva, Lda.

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura lavrada no dia 25 de Maio corrente, de fls. 99 a 100 e de fls. 1 v.º a 3, dos livros de notas para escrituras diversas n.ºs B-105 e B-106, respectivamente, do notário do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, abaixo assinado, foi constituída entre Orlando Augusto da Silva e Maria Madalena Caetano de Barros Silva, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º: — A sociedade adopta a firma «ORLANDO AUGUSTO DA SILVA Lda.», tem a sua sede na freguesia de Almansil, concelho de Loulé e durará por tempo indeterminado a partir desta data.

2.º: — O objecto é a fabricação de artigos de matéria plástica, podendo explorar qualquer outro ramo de actividade comercial ou industrial em que os sócios accedem.

3.º: — O capital social é de 2 000 000\$00, integralmente subscrito e realizado em dinheiro, já entrado na caixa social e dividido em 2 quotas pertencentes aos sócios — Orlando Augusto da Silva, com uma quota

de 1 800 000\$00, e Maria Madalena Caetano de Barros Silva, com outra quota de 200 000\$00.

4.º: — 1 — É livremente permitida entre os sócios a cessão de quotas, no todo ou em parte.

2 — A cessão de quotas a estranhos fica dependente das seguintes formalidades:

a) O sócio que pretender alienar a sua quota avisará a sociedade e cada um dos restantes sócios, por carta registada, com aviso de recepção, declarando o nome do adquirente e as condições da cessão.

b) A sociedade em 1.º lugar é reservado o direito de preferência, e quando não quiser usar dele, é este direito atribuído aos sócios que na falta de acordo entre eles preferirão de acordo com a proporção das suas quotas.

c) Se a sociedade não responder no prazo de 30 dias, a contar da data do aviso de recepção, e cada um dos sócios nos 15 dias seguintes a contar do fim do prazo anterior, o sócio que pretender ceder a quota a estranhos, poderá ceder-lá à pessoa e nas condições indicadas nas referidas cartas.

5.º: — 1 — Em caso de falecimento de qualquer sócio, a sua quota transmitir-se-á aos herdeiros, sendo contudo os mesmos representados na sociedade por um entre eles nomeado, enquanto a quota se mantiver indivisa.

2 — Se os herdeiros do sócio falecido não pretendem a qualidade de sócios, a sociedade terá de amortizar a respectiva quota pelo valor do balanço elaborado para o efeito.

6.º: — 1 — A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

2 — Para obrigar a sociedade é necessária e bastante a assinatura do sócio gerente, Orlando Augusto da Silva, podendo os actos de mero expediente serem assinados por qualquer dos gerentes.

3 — A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de

favor e outros actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

4 — Qualquer dos gerentes poderá delegar por meio de mandato todos ou parte dos seus poderes de gerência noutro gerente ou em pessoa estranha, carecendo, neste último caso de autorização por escrito dos restantes sócios.

5 — A actividade da gerência será sempre remunerada em conformidade com o estabelecido em Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito.

7.º: — Não poderão ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital, salvo se, por acordo de todos tal for deliberado em assembleia.

8.º — Qualquer sócio poderá fazer suprimentos à caixa social e só se poderá retirar total ou parcialmente, se a sociedade tiver disponibilidades que o permitam sem a prejudicar.

9.º — Os sócios não poderão explorar em nome individual os ramos de comércio ou indústria que fazem ou venham a fazer parte do objecto da sociedade.

10.º — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões das Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de 15 dias, pelo menos.

11.º: — Em caso de dissolução, na falta de acordo, qualquer sócio fica com o direito de adquirir os bens sociais, desde que por licitação, ofereça quantia superior à oferecida pelos outros sócios.

Vai conforme ao original, feito por minuta.

Secretaria Notarial de Faro, a 27 de Maio de 1977.

O Notário,

a) Francisco Carreto  
Clamote

Nova Direcção  
da Sociedade Filarmónica  
dos Artistas de Minerva

(continuação da pág. 1)

José de Sousa Calado; Tesoureiro, Ilídio da Cruz-Floro; Vogais, José Bravo Malheiros e Ilídio António Marques.

Conselho Fiscal — Presid., Rafael Martins Barbosa; Secretário, José Manuel O. Filho; Relator, Américo Guerreiro Amado.

Comissão de Festas — Todos os filarmónicos.

A Direcção eleita apresentamos as nossas felicitações, desejando meritória acção no desempenho das suas funções.

## CARIMBOS

Faça as suas encomendas a Gráfica Louletana — Rua Marechal Gomes da Costa — Telefone 62536 — LOULÉ.

## APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo. Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída para Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C. LDA. — Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

# QUOTIDIANOS

A crónica de  
JOSÉ MANUE MENDES

## «AMUADOS E OFENDIDOS»

O Jardim dos Amuados. Não é só a paisagem que cativa. A cadeia comercial, a visão magnífica da estrada do cemitério, os socalcos apertados destas casas encavalhadas em ruelas antigas do Loulé antigo. Aqui, neste nicho contíguo à Matriz, o que mais nos alicia é o nome, a sensação de amuo que se respira no cantinho agora tão bem vestido, uma calçada nova e bonita de cimento onde ontem era só terra batida, e a malta jogava ao berlindo e ao pião, à roilha e à ferra-mosca, berlindes de vidro tosco e fumado, piões rodopiando em saltinhos de escavadora, o fio suado, lançado e puxado assim de supetão, jogo de bate-não-bate nas palmas das mãos.

Ali naquele canto, palco de uma cena de beijos-mil, o paço aberto, as palmeiras como público, o intervalo da catequese como urgência e ansiedade, a adolescência como vinho daquela ceia onde os corpos-lábios, meus e da minha companheira na altura, foram repasto de sabor divino que não de velas, que não de avé-marias, mas de um hino mais fino e delicado ainda, de cristais mais puros como lágrimas, de rios mais fluentes como amor.

Hoje, o Jardim sente uma ausência imerecida, ele que se compõe com seus melhores cosméticos de papoilas e jasmim e fatiota de domingo, desportiva mas de gala, e as pessoas faltam, vão pavonear os seus amuos pelas praias e pelas boites, derramam seus arrufozinhos noutros jardins e nas máquinas dos Casinos que não lhes recordam à priori a sua condição real de amuados. Com a situação, com o regime, contra si mesmos.

Até porque os tempos e os hábitos modificaram-se. As mães também.

Também o amor passou de moda. Hoje, as pessoas passam umas pelas outras e não deixam rasto. Usa-se «andan». Fulano «anda» com cicrana. E não vai daí escândalo se fulano «anda» ao mesmo tempo com beltrana. Até porque a cicrana que «anda» com o fulano, «anda» também com o beltrano e um cigano qualquer que vende armas, compra burros, cheira mal os pés e dos sovacos, dá umas «passas» de haxixe de vez em quando e tem um tom amuado na pele que nem se descreve se é mesmo assim ou uma excentricidade anti-hídrica. Mas lá que é um grande «borracho», é sim senhor!

E depois, o amor tornou-se prática corrente. Tornou-se até, tão corrente, que degenerou e deixou de existir como prática. Hoje, apenas sobrevivem relações. Conjugais, extra-conjugais, cordiais, banais, bacanais e outras coisas mais. E se fôssemos todos uns pequeno-burgueses e reaccionários que ligássemos a esse tipo de preconceitos, quase diríamos que o mundo anda a nadar em apêndices cornúpticos. Mas não, nada de sustos! Dizia-me um dia destes um amigo de barbas que é professor: «só não passam de alterações conjunturais que tenderão a estabilizar na normalidade futura».

Em todo o caso, e pelo sim pelo não, ainda vou passar um dia destes pelo Jardim dos Amuados, vou sentar-me calmamente num banco, estender os olhos ternamente pela cadeia comercial e pelo cemitério municipal, a ver se ainda consigo sentir aquelas palpitações no coração e o suor mijúinho escorrendo pela espinha, a ver se ainda consigo tremular as mãos na escrita de um poema de amor.

## «LAURUS EST»:

### O aparecimento de um excelente grupo de variedades

O espetáculo realizado no passado domingo 5 de Junho no Cine-Teatro Louletano, integrado nas comemorações do 50.º aniversário dos Bombeiros Municipais de Loulé, marcou o aparecimento em público de um agrupamento de espectáculo e variedades, composto pelos nossos jovens conterrâneos Zé Bota, Tó Clareza, Aristides e Carapinha.

A verdade é que a sua apresentação constituiu uma surpresa para a numerosa assistência que quase encheu por completo o cinema. Começando por um excelente jogo de luzes minuciosamente montado e estudado, até à qualidade vocal e instrumental dos seus elementos (à base de violas de caixa), o seu repertório abarcou desde o velho rock dos anos cinquenta passando pelos Beatles de All my Loving e She Loves You, até uma retrospectiva pela música brasileira e portuguesa dos anos sessenta, sem esquecer o fado para aqueles que gostam e, acima de tudo, deixando vincado já um estilo bem definido, o enquadrar da nova música de amor portuguesa, um moderno estilo de cantar o português, as influências Green Windows, Cid, Gemini, em

suma, um espetáculo extremamente agradável.

Em conversa com os elementos do grupo soubemos que estão interessados em arranjar contactos para actuar nas variedades de festas de clubes, sociedades, etc., quer em Portugal, quer no estrangeiro junto das comunidades de emigrantes portugueses. Para tal, os interessados podem contactar os telefones 62290 ou 62634, ou escrever para a Rua Egas Moniz, n.º 15 — Loulé.

## Grupo de Radioamadores do Algarve

Foi recentemente criado por escritura pública o Grupo de Radioamadores do Algarve que se designa pela sigla GRA, sediado em Faro.

Já foi procedido à eleição dos seus primeiros corpos gerentes para o biénio de 1977/78.

No cumprimento de uma moção aprovada na última Assembleia Geral o GRA torna-nos extensivas as saudações e os votos de consolidação de

## Sessões de esclarecimento do P. S.

A Federação Distrital de Faro do PS está promovendo sessões de esclarecimento e informação política, e em que estarão presentes os Deputados pelo Algarve na Assembleia da República e que terá o seguinte calendário:

Dia 18 de Junho em Olhão, Monchique e Albufeira.

Dia 25 de Junho em Faro com a presença de M. Proenca e A. Esteves, em Portimão, com a presença de M. Cristino e R. Luís e em Vila Real com a presença de E. Mendes e F. Barracosa. No dia 2 de Julho em Loulé com a presença de E. Mendes e F. Barracosa, em Lagoa com a presença de M. Proenca e R. Luís e Messines com A. Esteves e M. Cristino. No dia 9 de Julho em Lagos com a presença de M. Cristino e A. Esteves, em Silves com R. Luís e M. Proenca e em Tavira com E. Mendes e F. Barracosa. No dia 16 de Julho em S. Brás com a presença de todos os deputados.

As sessões iniciar-se-ão todas às 21.30 horas.

## Actuação do cançonetista José Cheta no Luxemburgo

Integrado na «embajada» de artistas e em representação de Portugal na celebração do «Dia das Comunidades», deslocou-se ao Luxemburgo o conhecido cançonetista José Cheta.

A sua actuação, como dos demais componentes, teve lugar na mesma casa de espectáculos onde se realizou o festival da Eurovisão de 75.

Aproveitando a sua estadia, José Cheta exibiu-se ao vivo, perante as câmaras da televisão do Luxemburgo.

Assinalável êxito registaram as actuações de José Cheta que mais consolidaram a sua já firmada reputação de artista da canção portuguesa.

## CONCURSO DE

## FADO AMADOR

Com o patrocínio das Organizações Hoteleiras Fernando Barata, realizou-se no passado dia 3 no Aparthotel Auramar, em Albufeira, o anunciado Concurso de Fado Amador.

Depois do seleccionamento de 19 candidatos, o certame reuniu a participação de 10 elementos.

Pelo júri, nomeado para o efeito, foram classificados os seguintes con-

## GRALHA

### A RELEVAR

Na nossa passada edição, de 16-6-77 saiu por lapso «gralhado», na primeira página, o título enunciado como segue: «Carta aberta a um menino infeliz e esfomeado».

Não obstante, o título correcto que deveria ter sido impresso, é o que consta na continuação, na página 4, e que assim se expressa: «Carta aberta a um menino infeliz e humilhado».

Do lapso cometido pedimos aos nossos leitores as devidas desculpas e em especial ao nosso colaborador.

laços de mútua colaboração, cimentados sempre no espírito do maior respeito pela missão que cada um se propôs prosseguir, endereçados aos órgãos de comunicação social.

Aqui deixamos expressos os nossos agradecimentos. Igualmente ofertamos a nossa cooperação animados no mesmo espírito de entreajuda.

Desejamos à direcção e ao GRA uma missão profícua e assinalável.

## Futebolistas louletanos agredidos selvaticamente em Vila Real de Santo António

Uma vez mais a extravasão dos mais sórdidos e abomináveis instintos dignos não de um homem do século vinte, mas da mais primitiva era cavernícola, ensombraram o espetáculo desportivo que é o futebol.

O caso passou-se no sábado 4 de Junho em Vila Real de Santo António, onde o Louletano se deslocou para disputar importante desafio com o Beira-Mar de Monte Gordo, desafio este de carácter decisivo nas aspirações do clube de Loulé em subir à tão aspirada III Divisão Nacional.

Aconteceu apenas (!) que quando o Beira-Mar ganhava por 1-0 (...), viu um seu jogador expulso, justamente diga-se de passagem, por despedida agressão a um atleta louletano.

Tal foi o bastante para se começar o arraial de pâncadas sobre o árbitro da partida, o qual revelou excedentes recursos para fazer frente a tais eventos, tal a velocidade com que deambulou pelo campo com a turba enfurecida no seu encalço, vindo depois inteligentemente a procurar refúgio junto da claque de apoio do Louletano, que se manteve pacífica e impávida perante o desenrolar brutal dos acontecimentos.

Dado que tinha sido o lamré pelos jogadores beiramarcenses, e aqui é de justiça destacar a fúria do guarda-redes suplente bem secundado aliás pelos seus assedias de equipa, logo a sua enorme falange de apoio invadiu avidamente o campo, sedenta de sangue e de sopapo.

Constatando que um árbitro é dois fiscais de linha eram poucos para tanta gente, não tiveram outro remédio (!) senão virar-se para os jogadores do Louletano, atônitos e indignados por nada terem feito que justificasse minimamente aquela agressão energética e desproporcionada, e que entretanto se tinham reunido junto ao banco da equipa, uma vez que estavam alheios a tudo quanto se estava passando.

Depois, aconteceu o que só visto seria possível descrever fielmente. De facas no ar bramindo ferozmente, procurando o contacto com a carne, lançando e agredindo com pedras e gar-

rafas, molas, cacetes e todo um arsenal de verdadeiros caceteiros e artuários da pior espécie, os vândalos de Monte Gordo malharam nos jovens atletas com um ódio indescritível.

O treinador do Louletano, o estimado sr. Guerreiro, foi espezinhado agredido da forma mais impiedosa. O seu filho, o correctíssimo e excelente jogador que é o Tozé, ao correr em auxílio de seu pai foi igualmente vítima de agressões violentas, de tal modo que recolheu imediatamente ao Hospital de Faro onde ficou internado com suspeita de grave lesão na espinha dorsal.

Artur, filho do conhecido advogado da nossa vila, dr. Gonçalves, desviou-se por centímetros de uma faca que lhe foi atirada ao coração e que o rasgou apenas de raspa.

Outros jogadores em pânico tiveram que pular paredes e vãs. Um houve que se refugiou na primeira casa de habitação que encontrou. Outro, foi muito mais tarde encontrado na avenida central de Vila Real correndo em calção, e em geral, todos os jogadores foram fortemente traumatizados pela fúria dos «tiffosis» de Monte Gordo.

Palavra de enaltecimento para vários espectadores — desportistas de Vila Real de Santo António, que fizem o que puderam para ilustrar os louletanos de tal sanha bárbara.

A Polícia, como de costume, foi impotente para evitar mais esta nódoa que manchou o desporto algarvio.

Agradá-nos saber que não move aos desportistas louletanos o sentimento da vingança do «à volta cá te espero». A reacção dos atletas, sócios e simpatizantes do clube foi a de se deslocarem a Faro em manifestação junto da Comissão Regional de Árbitros e do Emissor Regional do Sul, fazer entrega de um abaixo-assinado dos verdadeiros adeptos da modalidade de contra as agressões de que esta item sido vítima, e exigindo a tomada de medidas concretas que ponham cobro a tais desmandos.

## Rede de larápios descoberta pela PSP de Portimão

Pela PSP de Portimão foram detidos Emídio José Duarte Pires, de 25 anos, empregado da indústria hoteleira, Lino Emídio Batista da Conceição, de 20 anos, empregado de mesa e Jorge Manuel da Graça Ribeiro, de 20 anos, também empregado de mesa, todos implicados nos diversos roubos perpetrados naquela zona.

No sequência das investigações foi capturado um outro larápio, de nome José Fernando Costa da Conceição, de 18 anos, electricista, que também conta diversos assaltos na sua conta.

Com a detenção destes indivíduos a PSP desmantelou uma perigosa quadrilha que actuava com frequência indesejável naquela zona.

## FÉRIAS NA MADEIRA

Segundo informação dada pela Delegação do INATEL em Faro, este Instituto vai realizar várias excursões à Ilha da Madeira por períodos de uma semana (8 dias) desde 3 950\$00.

As partidas previstas estão marcadas para os dias 4, 11, 18, 23, 25 e 30 de Julho; 1, 6, 8, 13, 15, 20, 22, 27 e 29 de Agosto e ainda para 5, 12, 19 e 26 de Setembro. O programa delineado é o seguinte:

1.º Dia — Partida em avião a jacto da TAP, chegada ao Funchal, transporte de autocarro privativo ao Hotel.

2.º ao 7.º Dias — Estadia no Hotel. Visita numa manhã à cidade em autocarro, com guia (incluída no preço da viagem). Excursões facultativas.

8.º Dia — Pequeno almoço no Hotel. Partida de avião a jacto da TAP, em classe turística. Chegada a Lisboa.